

Simplesmente Paulo...²

Conheci meu pai datilografando pequenas fichas numa máquina de escrever verde da Olivetti. Resmas de papel e toda sorte de corretivos – líquido, de papel, borrachas, papel estêncil – povoavam a mesa de azulejos da sala, que podia ser tanto a mesa de jantar da família quanto o local de trabalho. Isso foi nos anos 80, em São Paulo, na época em que o professor Paulo ambicionava ser doutor. Anos mais tarde, e depois de muito esforço para conciliar a pesquisa com as muitas horas de aula, eu saberia que aquelas fichas, centenas delas, deram origem à tese “*Um Estudo dos Elementos Anafóricos em Textos Conversacionais*”, defendida em 1990.

Paulista, paulistano, torcedor do São Paulo Futebol Clube, leitor do jornal *O Estado de S. Paulo*, graduado na Universidade de São Paulo, recebeu o nome do apóstolo e da cidade onde passou a maior parte da vida. As relações com o santo e com qualquer outro assunto ligado à espiritualidade param por aí. Embora tenha sido coroinha (há relatos de que traduziu missas do latim), deixou o tema da fé na juventude.

Sua dedicação às letras e à academia beira³ o devocional. O estudo e o trabalho são os assuntos principais da vida do quarto de seis irmãos, filho de Tácito e Gabriella. Desde cedo, mostrou-se caxias. Minha avó contava o seguinte episódio: bolsista do Liceu Pasteur, Paulo tinha uma prova de filosofia na manhã seguinte. Era noite, e tudo o que havia para ser estudado havia sido exaustivamente revisado. Exceto dormir, nada mais podia ser feito. Mas o sono não vinha. Assombrado por não sei qual filósofo, Paulo caminhou pela casa silenciosa noite adentro, ruminando os pontos da prova. No dia seguinte, tirou a nota máxima.

Meu pai dedicou a vida a lecionar, e creio que a sala de aula seja o seu lugar preferido, onde fica mais à vontade e se realiza. Em sua trajetória, estudou a língua escrita e falada, esmiuçou seus respectivos fenômenos.

² Publicado com o título “Simplesmente Paulo... (parte 1)” em STORTO, Letícia Jovelina; NAKAYAMA, Juliana Kyosen; BURGO, Vanessa Hagemeyer (Orgs.). *Texto, contexto e discurso: homenagem a Paulo de Tarso Galembek*. Curitiba: Appris, 2014, p.13-14.

³ O verbo no presente se justifica pelo fato de este texto ter sido produzido em 2014, para o livro referido na nota anterior.

Fora da academia é reservado, econômico nas palavras. Não posso deixar de encontrar nisso um paradoxo.

Alguns gestos mostram uma preocupação desinteressada com o próximo. Em São Paulo, foi voluntário do centro de valorização da vida, o CVV. Em seus plantões, atendia anonimamente desconhecidos atormentados em busca de um ouvido.

Outra do professor Paulo: meu pai tem o mais genuíno horror a sangue. Chegou a dizer, em tom de brincadeira, que cenas de procedimentos cirúrgicos em telejornais deveriam ser classificadas como pornografia.

Certa vez, um colega precisou de doação de sangue. Os professores organizaram um grupo para ir até o hemocentro. A despeito do pavor, lá foi ele. Foi flagrado na seguinte situação: enquanto doava sangue, segurava um jornal, que, supostamente, lia. O jornal, entretanto, estava de cabeça para baixo, fruto do pânico causado pela situação.

Meu pai faz da academia o centro de sua vida e esta homenagem, certamente, o alegra imensamente por celebrar e destacar aquilo que lhe é mais caro. Certo dia, estávamos conversando sobre as possibilidades após ele deixar de lecionar. E ele respondeu: *in academia patria homo est*.

OBS.: As histórias aqui reproduzidas são casos contados e recontados que, por essa razão, deixaram a fidedignidade em algum lugar do passado.

Maria da Glória Galembeck (filha)